

FERNANDO DE PORTUGAL, CONDE DA FLANDRES

ISABEL ROSA DIAS

Universidade do Algarve

Nos séculos XII e XIII o reino de Portugal exportou para além-Pirinéus o imaginário da reconquista territorial aos mouros, bem como algumas das tradições culturais e religiosas mais conhecidas localmente. Também fez chegar aos reinos do norte príncipes que viriam a transformar-se em importantes peças do xadrez político-militar da época. Um deles, D. Fernando, filho do rei D. Sancho I e de D. Dulce de Aragão, foi conde da Flandres, entre 1211 e 1233. As crónicas portuguesas assinalam-lhe a data de nascimento (1186, a *Crónica de 1419*; 1188, o *Livro da Noa*) e recordam que foi senhor daquele condado («o Jffante dom Fernando que foy conde de Frandes», *4ª Crónica Breve do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra*; enunciado semelhante na *Crónica Geral de Espanha de 1344*; «o iffante dom Fernando, que foy casado com hũa condessa de Frandes, de que nom ouve ffilhos», *Crónica de 1419*). As mesmas fontes fazem silêncio sobre as razões que levaram o príncipe até à corte de Filipe Augusto, em Paris, sobre as circunstâncias do seu casamento com Jeanne, herdeira do condado do Hainaut e da Flandres; sobre a participação de Matilde, sua tia e condessa viúva da Flandres, na referida aliança matrimonial, e finalmente sobre o envolvimento de D. Fernando no mais memorável recontro militar do princípio do séc. XIII no norte da Europa, a batalha de Bouvines. Se a cronística portuguesa não fez história da história deste infante, já o mesmo não se pode dizer da cronística europeia (francesa, flamenga e alemã), que consagrou largo espaço textual às vicissitudes da atribulada governação do príncipe português.

Fernando terá abandonado a corte portuguesa depois de Maio de 1210, pois nesta data ainda assinava com o pai e os irmãos o foral de Ferreiros, Fontemanha e Valdaviz. Chegou à corte de Filipe Augusto como cavaleiro andante, como diz a crónica rimada de Philippe Mousket, escrita cerca de 1240:

Qui venus estoit tout esrant
De viers Portingal, son país. (*Monumenta Germaniae Historica, Scriptores*, XXVI, p. 747)

O mesmo autor traçou-lhe o retrato meridional:

Biaus estoit de cors et de vis,
Brun ot le chief et s'ot grant nes.
De sa maniere ert moult senés (*Idem*).

É provável que a ida de Fernando para França, cerca de um ano antes de se ter casado com Jeanne, tivesse sido inspirada por Matilde, sua tia, filha de D. Afonso Henriques. Alguns relatos antigos falam de um envolvimento activo da condessa junto do rei de França na negociação de tal matrimónio. Mousket registou, com alguma animosidade, que

Des barons traist plus de sissante
 A li par son tresgrant avoir,
 Par son sens et par son savoir.
 Al roi Felipe trest en France
 Come visseuse et large et france,
 Si donna tant le roi del sien
 Qu'ele i fist son afaire bien. (*Idem*)

E um pouco mais adiante acrescentaria:

Moult li cousta de buen avoir
 Et as barons et a la court (*Idem*)

174

Numa continuação da crónica de Flandres, escrita no primeiro quartel do séc. XIII por um monge cisterciense do mosteiro de Clairmarais, situado nas proximidades de Saint-Omer, lê-se que o matrimónio de Fernando e de Jeanne se concretizou «per industriam Mathildis». Outros autores (que escreveram na mesma época) preferiram clarificar as razões do êxito de Matilde junto do rei de França. É o caso de Robert de Auxerre, e a partir dele, do autor da *Crónica de S. Martinho de Tours*, que falam de uma oferta de dinheiro (implicitamente pouco prestigianete):

Hoc autem apud regem Flancorum matertera Ferrandi per pecunias, ut dicitur, procuravit, que quondam in coniugium venerat Phylippi illustris comitis Flandriarum. (Roberti Autissiodorensis, *Chronici Continuatio II*, in *Mon. Germ., Scriptores*, XXVI, p. 278).

Hoc apud regem francorum regina Portugalensis Ferrandi matertera, quodam uxor Philippi comitis Flandrie, sicut dicitur, pecunia procuravit. (*Ex Chronico S. Martini Turonensi*, in *Mon. Germ., Scriptores*, XXVI, p. 464)

Vai ainda mais longe o autor anónimo da *História dos duques da Normandia e dos reis de Inglaterra*, datada nos anos vinte do séc. XIII, quando quantifica o montante entregue pela condessa Matilde a Filipe Augusto de França para favorecimento do seu sobrinho português:

elle donna au roi de France 50 mile livres de Paresis, pour le mariage faire, et molt li cousta as consellers le roi. (*Ex Historiis Ducum Normanniae*, in *Mon. Germ., Scriptores*, XXVI, p. 707)

Após o casamento em Paris, Fernando encaminhou-se, na companhia de Jeanne e da condessa Matilde, para a Flandres. As crónicas narram as circunstâncias da sua chegada atribulada ao condado: descrevem o conflito militar com o herdeiro da coroa de França, o príncipe Luís, que precipitadamente se apresentou a reivindicar os senhorios flamengos de Aire e de Saint-Omer, cedidos por Fernando como garantia de submissão ao suzerano francês; falam das dificuldades de entrada do conde português na cidade de Gand, cujos habitantes não o quiseram receber na ausência da princesa herdeira, Jeanne; e mostram ainda as dificuldades por que Fernando passou para se fazer aceitar como senhor junto de alguns castelãos locais. Na crónica latina do monge de Clairmarais, onde estes aconteci-

mentos são relatados com pormenor, as intervenções de Fernando são descritas com alguma neutralidade: nenhum juízo valorativo faz sobressair as respectivas qualidades e nenhum juízo depreciativo lhes denuncia os defeitos. Porém, os resultados das acções protagonizadas pelo conde mostram habilidade e eficácia governativas.

Tendo desempenhado um papel central no acontecimento político-militar mais marcante da sua época, a batalha de Bouvines, travada a 27 de Julho de 1214, Fernando tornou-se personagem das memórias históricas que registaram as circunstâncias em que tal batalha se deu. Enquanto tal vêmo-lo emergir em três momentos narrativos específicos, que lhe modelam a identidade histórica: é inicialmente apresentado como co-responsável pela formação de uma aliança de governantes contra o rei de França; é no decurso da batalha de Bouvines o primeiro chefe militar da coligação oponente a Filipe Augusto a cair derrotado e a render-se ao adversário; é no final da batalha o mais importante prisioneiro do rei francês, conduzido até Paris como troféu de guerra. Ainda que a maior parte dos relatos da batalha sejam favoráveis ao rei de França, o derrotado conde da Flandres é neles apresentado segundo um modelo de ética cavaleiresca que respeita a sua dignidade militar. A crónica de Guillaume, le breton, capelão de Filipe Augusto, que esteve presente na batalha, e foi o primeiro a relatá-la, demoradamente, é a este propósito exemplificativa. Releio-a aqui através da tradução para vernáculo feita por um monge do mosteiro de Saint-Denis, no ano de 1274. É deste modo que se refere a Fernando da Flandres:

... Pallas la déesse des batailles voletait en l'air par-dessus les combattants comme si elle ne sût encore auxquels elle dût donner victoire. A la fin versa tout le faix de la bataille sur Ferrand et sur les siens ; abattu à terre, blessé et navré de maintes grandes plaies, pris fut et lié, avec maints de ses chevaliers. Si longuement s'était battu qu'il était comme demi-mort et ne pouvait plus la bataille endurer quand il se rendit à Hugues de Mareuil et à Jean son frère. Aussitôt que Ferrand fut pris, tous ceux de son parti qui se battaient en cette partie du champ, s'enfuirent ou bien furent morts ou pris. (adaptação de Andrée Duby, in Georges Duby, *Le dimanche de Bouvines*, p. 80)

Fernando combateu até ao limite das suas possibilidades; “longuement” é o advérbio que resume a dimensão do seu esforço. Como se vê, a narrativa não se detém na descrição dos seus gestos militares, ao invés do que acontece por exemplo com o imperador da Alemanha, Oton IV, e com o conde de Bolonha, Renaud de Dammartin. As descrições dos desempenhos destes homens (um excomungado pelo Papa e o outro acusado de traição pelo rei de França) mostram, no entanto, no primeiro caso, um homem em fuga e, no segundo, um combatente fervoroso que consome a sua energia guerreira contra o seu senhor. Se Guillaume, le breton, traduziu com economia de palavras o comportamento militar de Fernando, desvinculando-o neste contexto das imagens de covardia e traição, não foi para o poupar a um julgamento negativo que de outro modo sobre ele recairia; foi antes para explorar contextos mais penalizadores em que esse julgamento se pudesse exercer. Assim, na parte final da sua narrativa, onde aparecem extensos blocos de comentário, incluiu, sarcasticamente, o conde na lista dos traidores:

Les ennemis du roi avaient déjà partagé et divisé entre eux tout le royaume de France, comme tout sûrs de la victoire, et en avait l'empereur Otton donné en promesse à chacun sa part: le comte Renaud de Boulogne devait avoir Péronne et tout le Vermandois; Ferrand, Paris; et les autres, autres cités et autres pays. Pour le comte Renaud, Péronne, non pas à leur honneur et à leur gloire, mais à leur honte et à leur confusion. (*Idem*, p. 92)

Guillaume recordou que o conde português da Flandres foi o mais importante de todos os vencidos; e por isso foi transportado para a prisão do Louvre, em Paris:

Ferrand fut mené à Paris et mis en une neuve tour forte et haute au dehors des murs de la cité, qui est appelée la tour du Louvre. (*Idem*, p. 91)

Reservou-lhe ainda dois parágrafos punitivos onde o tom sarcástico foi retomado. Jogou aí com as origens hispânicas do conde e com o significado etimológico do seu nome dito à francesa. Assim, visando lançar o ridículo sobre Fernando, referiu-se a uma tradição que atribuía à condessa Matilde uma previsão astrológica, segundo a qual o conde, seu sobrinho, sairia vencedor da batalha de Bouvines. Foi com desprezo que Guillaume se referiu a tal prática proveniente da longínqua e arabizada Espanha, terra de origem de Fernando. Ridicularizando as origens do conde, denunciou-lhe depreciativamente a condição de estrangeiro:

Comme renommée témoignait, la vieille comtesse de Flandre, tante du comte Ferrand d'Espagne, née et fille du roi de Portugal, dont elle était appelée reine et comtesse, voulut savoir l'aventure et la fin de la bataille. Ses sorts jeta selon la coutume des Espagnols, qui volontiers usent de tel art, et reçut telle réponse: «On se combattra. Le roi sera abattu dans la bataille et piétiné et foulé des pieds des chevaux, et n'aura pas sépulture. Et Ferrand sera reçu à Paris à grande procession après la victoire.» Toutes ces choses peuvent être réponse selon vérité à celui qui bien entend ; car tout ainsi fut-il comme le sort le rapporta en double entendement, selon la coutume du diable, qui toujours déçoit en la fin ceux qui le servent en palliant par fallacieuse amphibologie ce qui vaut autant comme sentence douteuse. (*Idem*, pp. 92-93)

A desconfiança em relação à condessa e ao seu sobrinho português também deixaria ecos na crónica de Philippe Mousket, onde ficou registada a maliciosa suspeita de Matilde não ser tia, mas mãe de Fernando:

Fius iert le roi de Portingal;
Mais li plusiour par divinal
Disoient k'il iert voirement
Fius la rôine outretement;
Mais ele dissoit que c'iert s'ante (ed. cit., p. 747)

A chegada de Fernando a Paris, como prisioneiro de Bouvines, preenche no relato de Guillaume o segundo trecho narrativo onde sobressai a humilhação da figura do conde. O nome deste, Ferrand, é aí alvo de um trocadilho injurioso posto na boca do povo que assistia nas ruas à sua humilhante passagem:

les vilains et les moissonneurs s'assembloient, leurs râteaux et leurs faucilles sur leur cou (car c'était au temps qu'on cueillait le blé) pour voir et pour injurier Ferrand en liens, qu'ils redoutaient un peu avant en armes. Les vilains, les vieilles et les enfants n'avaient pas honte de le moquer et injurier, et avaient trouvé occasion de le railler par l'équivoque de son nom, pour ce que le nom est équivoque à homme et à cheval. Il advint d'aventure que deux chevaux de la couleur qui tel nom met à un cheval le portaient en une litière et pour cela criaient par moquerie que deux ferrants emportaient un tiers ferrant et que Ferrand était enfermé, qui devant était si enragé qu'il trépignait et par orgueil s'était contre son seigneur rebellé. (ed. cit., pp. 93-94)

Guillaume, le breton, foi sem dúvida o autor que mais explorou e agravou a derrota de Fernando. Seguiu-lhe a ideia Philippe Mousket, trovador nascido em Tournai, no ano a seguir à batalha. No seu longo poema rimado sobre a história dos reis de França, na parte dedicada a Bouvines, vê a derrota de Fernando como uma punição por este se ter arrogantemente revoltado contra o seu suzerano francês. A palavra “orgueil”, que Guillaume também usou, aparece a rematar a sequência de versos que relatam o desastre militar de Fernando:

Li quens Ferrans sor un destrier
 Fu montés al senestre estrier
 Et vint apriès les plus souverains;
 Et nonpourquant as premerains
 Fu pris de Huon de Maruel.
 Entour lui ot moult grant aquel;
 N'i ot François, le sien n'ahate,
 Tous les ont mis a le barate.
 Ferrant ont pris et son orguel; (ed. cit., p. 758)

177

No mesmo texto a descrição da prisão do conde, iniciada com uma pejorativa comparação de carácter cinagético, assume um tom sarcástico quando Fernando, por via do equívoco produzido pelo seu nome, é comparado a um cavalo ferrado:

Enkâinés come lupars
 Fu Ferrans et bien refierés
 De quatre pies; car desfierés
 Avoit esté trop longement
 S'en prist a Paris l'ongement
 Pour lui saner, qu'il n'en ot point
 En toute Flandres a cel point. (ed. cit., p. 762)

Outros cronistas que também escreveram relatos sobre a batalha de Bouvines, nos anos que se lhe seguiram, embora assinalando que o conde fez parte de uma coligação que afrontou ilicitamente o rei de França, limitaram-se a descrever a sua derrota militar e o seu aprisionamento. Assim fez o monge de Marchiennes, autor da *De Pugna Bovinensi. Relatio Marchianensis*, que também destacou a valentia com que Fernando, conjuntamente com Renaud Dammartin, conde de Bolonha, se bateu até ao fim:

Fernandus tamen comes Flandrie et Ronaldus comes Bolonie in bello moram facientes et contra impetum Francigenarum viriliter dimicando resistentes, tandem a Francigenis vulnerati sunt et retenti ac postea cum innumeris nobilibus, quorum videlicet nomina scribere non curavimus, in variis Gallie oppidis carcerum sunt custodie mancipati. (*Mon. Germ., Scriptores*, XXVI, p. 391)

Por seu lado, a já citada crónica do mosteiro de Clairmarais incluiu o conde no grupo dos senhores que combateram energicamente e foram no final vencidos e aprisionados. Não evocou contudo o desonroso encarceramento de Fernando em Paris, preferindo sublinhar que a derrota da Flandres resultou da ira de Deus, que infligiu àquela região ainda outros males:

euntque cum illo [Otho] Fernandus comes Flandrie, et Willelmus comes Salisberie frater regis Anglorum, et alii Hayonenses Flandrensesque milites multi promti ad bellum et in nullo segnes aut pati aut facere, quodcumque belli casus attulerit. Ab hiis primum facta est congressio. Isti primum pugnare ceperunt; isti in primam aciem exercitus magna fortitudine irrupentes, atrociter dimicabant; sed a Francis fortiter sunt excepti. [...] In brevi autem prevalente Francorum virtute, immo potius triumphante per eos divina ordinatione, capiuntur predicti tres comites et alius quidam comes de Alemannia [...]. Regresso autem rege in Franciam cum triumpho nobili et captivis insignibus atque multis, et eisdem per diversa loca repositis in firma custodia et ligatis in manicis et compedibus ferreis, quasi Flandria satis adhuc penarum non solverit, mittuntur alii reges a Domino contra eam, videlicet ignis et aqua. (*Flandria Generosa, Continuatio Claromariscensis*, in *Mon. Germ., Scriptores*, IX, p. 333)

Um outro relato da batalha, escrito depois de 1220, por um autor anónimo de Béthune (também responsável pela redacção da já citada *História dos duques da Normandia e dos reis de Inglaterra*), inclinou-se discretamente para o partido da coligação anti-francesa. Ali encontramos o conde da Flandres a investir por momentos contra o exército francês:

Lors corrut li cuens de Flandres as Champenois, et li Champenois à lui, et ot trop bone meslée entre aus. Mais li Champenois furent mis arière. (ed. de G. Duby, *Le dimanche de Bouvines*, p. 318)

O autor refere por duas vezes a sua derrota, a segunda das quais acrescentando que o conde foi chorado pelos grandes da sua terra:

Li cuens Ferrans meisme fu pris, si come je voz ai devant dit, od grant plenté des haus homes de sa terre. (*Idem*, p. 320)

Lembra ainda que Fernando foi encarcerado no Louvre, conjuntamente com um outro senhor da província do Hainaut:

Si mist le conte Ferrant en prison en la tor de Lovre ; et Ustace del Roes od lui, un haut home de Hainau, que on tenoit à molt haut home et à molt faintisme. (*Idem*, p. 321)

Mas de todos estes autores, só Guillaume, le breton, se referiu à libertação do conde da Flandres. Situou tal acontecimento ainda no reinado de Filipe Augusto, atraindo assim a verdade histórica para poder exaltar a magnanimidade e a piedade do soberano francês. Em nenhum outro, como no extenso relato de Guillaume, vemos tão claramente o conde português transformar-se num instrumento eficaz de promoção da monarquia francesa. Sobre as imagens da sua dignidade político-militar e cultural empobrecida constrói-se a grandeza do rei de França e do estado monárquico que com ele nasce. Passados contudo cerca de dois séculos sobre a escrita do relato de Guillaume, um dos primeiros a pôr Fernando de Portugal na história, o autor do romance anónimo intitulado *Livre de Baudouin, conte de Flandre et de Ferrant fils du roi du Portugal* (séc. XV) converteria o conde num instrumento de promoção de si próprio e do modelo cavaleiresco por ele encarnado.